



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROMOVENDO A INCLUSÃO

Mirely Cristina Coelho Pontin, Bruno de Oliveira Melo, Fábio dos Santos Ventura,
Brunella Lepaus Monteiro, Jose Francisco Chicon

RESUMO

O estudo tem por objetivo descrever e analisar a experiência de ensino de Educação Física em uma turma inclusiva na educação infantil. O estudo foi desenvolvido com dez crianças, de ambos os sexos, com idades de 5 anos, do Centro de Educação Infantil da UFES (CRIARTE/UFES), sendo que uma delas apresenta a Síndrome de Down. A análise dos dados aponta para um trabalho dinâmico, envolvendo o tema dos jogos tradicionais infantis, em que a mediação pedagógica do/a professor/a tem sido um aspecto relevante para provocar a participação compartilhada e colaborativa entre os alunos.

Palavras - chave: Educação física. Inclusão. Educação infantil.

INTRODUÇÃO

O momento da educação física brasileira é de transformação, construção e (re)significação dos conhecimentos e práticas corporais. Hoje, a área do conhecimento Educação Física promove sua universalização e prática em todos os segmentos de nossa sociedade.

“A prática da Educação Física é um direito de todos, e seus programas devem dar prioridade principalmente aos grupos menos favorecidos da sociedade”, é o que preconiza a Carta Internacional de Educação Física da UNESCO.

Historicamente, o atendimento educacional a crianças com deficiência era realizado apenas em escolas especiais, fato que trouxe conseqüências negativas e segregacionistas, pois se imaginava que elas eram incapazes de conviver com crianças que apresentavam um desenvolvimento típico.

A recomendação da Declaração de Salamanca (1994), importante documento que ajudou a deflagrar o movimento de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais na década de 1990 em ambiente escolar comum, preconiza que a educação de crianças com deficiência deve começar o mais cedo possível, com matrículas nas escolas de educação infantil, para que as crianças, sem os estigmas socioculturais, aprendam a conviver e respeitar as diferenças em seu processo de desenvolvimento.

A Declaração de Guatemala (1999) é outro documento que tem embasado as políticas públicas nacionais referentes ao trabalho e assistência social, educacional e de

saúde para pessoas com deficiência, que faz parte da convenção interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas com deficiência e o Brasil é um dos signatários. Dentre seus princípios básicos estão: a garantia de que os governos assumirão o compromisso de adequar instalações que facilitem o transporte, a comunicação e o acesso público das pessoas deficientes; promover ações no sentido de facilitar o acesso à educação, saúde, emprego, assistência social, esportes, atividades políticas e de cidadania, dentre outras.

A partir dessa pequena revisão sobre as leis, pode-se pensar que tudo parece utópico, mas essas foram importantes conquistas que caminham no sentido de que se entenda que o deficiente existe e é parte integrante da sociedade, precisa ser visto como um sujeito de direitos, e que essa caminhada precisa avançar no sentido, de garantir que leis sejam postas em prática integralmente pela família, pela sociedade, e também pelo Poder Público a fim de garantir não só o espaço educacional e sim o espaço social que é de todos por direito.

Nesse sentido, a Educação física na educação infantil tem uma importante contribuição a dar, promovendo por meio de ações lúdicas, o desprendimento das crianças para a participação, colaboração, diálogo, respeito às diferenças e a liberdade para se expressar e compartilhar.

As crianças brincam de diferentes formas que correspondem a sua faixa etária e ao seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor, psicossocial e afetivo-emocional. Elas brincam sozinhas, de faz-de-conta, com outras crianças ou com adultos, em grupo, correndo, saltando, jogando bola, experimentando e desenvolvendo habilidades, inventando, aprendendo, jogando e competindo. Todas as formas de brincar são importantes e necessárias para que a criança conheça coisas novas e adquira conhecimentos em diferentes dimensões – biológica, psicológica e social.

No caso específico deste estudo, estaremos privilegiando o conteúdo/tema: jogos e brinquedos populares e “explorando o universo da música”, para desenvolver o trabalho junto aos alunos, na expectativa de que esta forma de abordagem seja facilitadora do processo de mediação do professor na intra e inter-relação dos mesmos, uma vez que as brincadeiras e os brinquedos fazem parte do universo da cultura infantil, favorecendo as ações de inclusão (CHICON, 2004; 2005).

É organizando um ambiente lúdico em torno dos alunos, que pretendemos criar as condições favoráveis, para que os mesmos possam se expressar de diferentes formas: seja pela linguagem gestual, verbal ou escrita. E para que este clima seja efetivado, o jogo popular ou tradicional será o pano de fundo.

O jogo popular ou tradicional conforme Friedmann (1996, p. 43):

[...] é aquele transmitido de forma expressiva de uma geração a outra, fora das instituições oficiais, na rua, nos parques, nas praças etc., e é incorporado pelas crianças de forma espontânea, variando as regras de uma cultura a outra (ou de um grupo a outro): muda a **forma** mas não o **conteúdo do jogo tradicional**. O **conteúdo** é constituído pelos interesses lúdicos particulares ligados a tal ou qual objeto (bonecas, animais, construções, máquinas etc.), que é o objetivo básico do jogo; a **forma** é a organização do jogo do ponto de vista dos materiais utilizados, do espaço, do número de jogadores etc. Esses jogos são imitados ou reinterpretados, perpetuando-se sua tradição.

O jogo tradicional faz parte do patrimônio lúdico-cultural infantil e traduz valores, costumes, formas de pensamento e ensinamentos. Seu valor é inestimável e constitui, para cada indivíduo, cada grupo, cada geração, parte fundamental da sua história de vida.

Assim sendo, várias são as razões para valorizarmos a brincadeira como a principal atividade da criança (LEONTIEV, 1991; VYGOTSKY, 1991). Entre tantas podemos citar o desenvolvimento da criança a partir do exercício das suas potencialidades e da sua sociabilidade. Além disso, porque, brincando, a criança aprende fazendo e prepara-se para o futuro.

Portanto, urge que pesquisas sobre práticas pedagógicas sejam desenvolvidas, no sentido de apontar caminhos, estratégias, formas de interação e mediação, sensibilização, para que as crianças com deficiência possam encontrar na escola um ambiente acolhedor, que lhes possibilitem o acesso, permanência e sucesso.

Sendo assim, visando contribuir na construção do conhecimento para modificar as condições e circunstâncias na escola para o movimento de inclusão de crianças com deficiência, nos propomos a desenvolver este estudo com o objetivo de descrever e analisar a experiência de ensino de Educação Física em uma turma inclusiva na educação infantil.

OBJETIVO GERAL

- Descrever e analisar a experiência de ensino de Educação Física em uma turma inclusiva na educação infantil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever e analisar a interação entre os alunos de desenvolvimento típico e a criança com síndrome de Down.
- Analisar a importância do jogo tradicional infantil para o aprendizado e desenvolvimento das crianças.

METODOLOGIA

O estudo se configura como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Está orientado para a observação, registro e análise da experiência do ensino de Educação Física na educação infantil para uma turma inclusiva.

O estudo foi desenvolvido com dez crianças, de ambos os sexos, com idades de 5 anos, no Centro de Educação Infantil da UFES, sendo que uma delas apresenta a Síndrome de Down. As intervenções eram realizadas pelas professoras/estagiárias em um encontro semanal, com duração de 40 min, no turno vespertino, das 13h40min às 14h20min.

No momento da intervenção, enquanto uma coordenava as atividades a outra auxiliava e vice-versa.

O processo de intervenção teve início no final do mês de abril e se estendeu até o final de novembro de 2009. No momento do atendimento, os estagiários assumiam as seguintes funções: dois dividiam a coordenação das aulas e um realizava a vídeo-gravação. Para além desse momento, a equipe de pesquisa formada por três professores/estagiários e dois professores/pesquisadores do curso de Educação Física da UFES, se reunia logo após o atendimento para realizar a avaliação da aula e planejamento do encontro seguinte.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados a vídeo-gravação das sessões, fotografias e registros em diário de campo. Os dados estão sendo analisados, considerando as brincadeiras compartilhadas entre a criança com deficiência e seus colegas, o processo de organização, execução e avaliação das aulas, a importância do jogo tradicional infantil e da música para o aprendizado e desenvolvimento dos alunos. A matriz teórica para análise dos dados está baseada nos estudos da educação física na educação infantil e nos processos de aprendizagem e desenvolvimento preconizados por autores da abordagem histórico-cultural.

RESULTADOS

A educação física presente nas instituições de zero a cinco anos, precisa constituir-se para além de uma disciplina que possui um conteúdo, tempo e espaços previamente definidos, para que a disciplina não se constitua em um modelo “escolarizante”, sendo assim a Educação Física na Educação Infantil vai muito além de apenas preparar as crianças para ingressarem no Ensino Fundamental, mas sim formar crianças autônomas, capazes de emitir opinião, buscando ampliar a cultura infantil de movimento e as possibilidades de conviver com as diferenças/diversidades.

Como salienta Bracht (1999, p. 82):

A dimensão que a cultura corporal ou de movimento assume na vida do cidadão atualmente é tão significativa que a escola é chamada não a reproduzi-la simplesmente, mas a permitir que o indivíduo se aproprie dela criticamente, para poder efetivamente exercer sua cidadania. Introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal ou de movimento de forma crítica é tarefa da escola e especificamente da Educação Física.

As crianças brincam de diferentes formas que correspondem a sua faixa etária e ao seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio-afetivo. Elas brincam sozinhas, de faz-de-conta, com outras crianças ou com adultos, em grupo, correndo, saltando, jogando bola, experimentando e desenvolvendo habilidades. Todas as formas de brincar são importantes e necessárias para que a criança conheça coisas novas e adquirira conhecimentos em diferentes dimensões – biológica, psicológica e social.

Sendo assim, cabe destacar que a interação da criança com deficiência nas situações lúdicas promovidas nos momentos de aula, mediadas pela ação dos professores/estagiários, contribuíam significativamente para enriquecer as experiências psicomotoras e sócio-afetivas das crianças.

A brincadeira sendo concebida como eixo principal do trabalho e como linguagem característica das crianças pequenas, perpassa todos os momentos do trabalho pedagógico e

não deve ser utilizada de maneira funcionalista, como uma atividade que “serve para alguma coisa pré-definida”. É preciso encarar que, para as crianças pequenas, a brincadeira serve, simplesmente, para que ela brinque (CHICON, 2004, 2005).

Cabe salientar ainda, que a organização das aulas em três momentos, a saber: a) rememorar com os alunos a aula anterior e apresentar as atividades que serão realizadas; b) realização das atividades; c) avaliação das atividades realizadas e sugestões para as aulas seguintes; foram fundamentais para assegurar aos alunos momentos de cooperação, reflexão, influência e participação ativa nos rumos que a aula tomava. Esse procedimento assegura a seqüência de uma aula para a outra, mantendo a coesão do desenvolvimento do conteúdo, o que representa, em nosso entender, um aspecto importante para o processo ensino-aprendizagem.

É com base nessa orientação teórico-metodológica que esperamos que a educação física venha favorecer o processo de interação entre os alunos em uma turma inclusiva na escola de educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo e a música são partes do universo infantil, portanto está presente no dia-a-dia das crianças. Como diz Freire (1989), as crianças são especialistas em brincar e Leontiev (1994), que a brincadeira é a atividade principal da criança. Por meio das brincadeiras desenvolvidas com as crianças no pátio do Centro de educação infantil pesquisado e da ação mediadora das professoras/estagiárias, observamos por diversas vezes a aproximação e compartilhamento de brincadeiras entre a criança com síndrome de Down e os colegas, favorecendo o aprendizado nas trocas de experiência entre eles.

No jogo, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma nova significação. Enfim, é no jogo que a criança tem acesso à cultura tal como ela existe num dado momento, mas com todo seu peso histórico.

O estudo revela, que a convivência interativa de alunos em turmas inclusivas, favorece a tomada de consciência deles para o respeito às diferenças/diversidades.

Revela ainda, que o papel mediador do professor de Educação Física é muito importante no processo de inclusão, na provocação do diálogo entre os alunos, da colaboração, ajudando-os a superar suas limitações e orientando-os para que aprendam a compartilhar suas brincadeiras. Sendo assim, parafraseando Vygotsky (1991), entendemos que o professor tem o papel de provocar avanços que não ocorreriam espontaneamente.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedex**, ano XIX, n. 48, Ago. 1999.

CHICON, José Francisco. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão: a práxis pedagógica**. Vitória, ES: EDUFES, 2004.

_____. **Inclusão na Educação Física escolar: construindo caminhos.** 432 f. 2005. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). São Paulo, 2005.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo: Scipione, 1989.

LEONTIEV, Alex. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 5. ed. São Paulo: Ícone, 1994. p. 119-142 .

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.